

sempre
Re

QUINTA-FEIRA
Lisboa--23 de Janeiro--1930

5 TO
S

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

1922



sempre **fixe**

semanal
humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINAS
TEL. T. 152, 153, 134
RUA DA ROSA, 57



-- Minha saudosa esposa! Foi-te preciso morrer para conseguires uma «capicua...»

VAI FUNDAR-SE A ASSOCIAÇÃO DOS HUMORISTAS

Isto hoje vae a serio.

Vae fundar-se a Associação dos Humoristas.

A ideia teve a o nosso distincto colaborador dr. Augusto Cunha. Teve-a e abandonou-a, expô-la na roda... de amigos com quem conversa habitualmente, e o *Sempre Fixe*, condoído da pobre exposta, perfilhou-a, recolheu-a no seu seio e propõe-se ser a sua ama seca, porque o *Fixe* a não pode ser de leite, apesar do deleite com que o lêem todos os seus amigos.

Da nova Associação farão parte todas as pessoas engraçadas de Portugal e, por uma transigencia especial, todos aqueles que caírem em graça e tudo isto de graça, porque na Associação dos Humoristas não haverá cotas. Cada um dos associados dará apenas a sua quota-parte de graça e com isso ficará quite. Esta inovação, além de outras muitas, tem a vantagem de ir educando o publico nesse sentido, a fim de vêr se se consegue que ao cabo de algum tempo o sistema se generalise. E quando se conseguir esse *desideratum*, a vida embaratece. Chega-se ao alfaiate, ao sapateiro, etc., manda-se fazer um fato, calça-se umas botas, larga-se duas piadas (duas ou trez conforme o valor da mercadoria) e pronto, está pago.

Para a nova Associação vão ser convidados os humoristas propriamente ditos, desde as parcerias teatraes, até os parceiros que se enatstam á porta da Havaneza, á esquina do Rocio, ás arcadas do Terreiro do Paço e largam duas larchas. Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Não diga mais. Está feito socio.

Nela entrarão os caricaturistas, os actores comicos, os nossos colaboradores e até nela poderá ter assento qualquer pessoa.

O *Sempre Fixe*, será o orgão da Associação, dando aos seus leitores fiel relato da marcha dos acontecimentos: actas das assembleias geraes, noticias sobre festas a realisar, conferencias, publicações, viagens, concursos para admissão dos novos associados, etc.

Para se avaliar do interesse que terão esses relatos basta dizer que, logo de inicio, foi estabelecido, por quem lançou a ideia, que nas assembleias geraes se não mandariam para a meza moções, requerimentos e outras estupidas deste genero, mas sim boas piadas. Que não seria permitido, como é costume em taes actos, interrogar a meza, nem ter outras atitudes identicas com a mobilia. Que, nesta ordem, ou melhor, nesta desordem de ideias se não entraria na ordem do dia ou da noite, conforme a hora. Que os relatos destas assembleias deveriam ter por todo o exposto e o mais que se pudesse arranjar, a maior percentagem de espirito. Que, numa palavra, as assembleias deverão decorrer por forma

tal que o proprio secretario, perante a maré cheia de piadas, se veja tão embaraçado, que em vez de fazer a acta, não ata nem desata.

Ai vae, para exemplo, o trecho duma acta:

O *Presidente* declara que a sessão está aberta de par em par e que se pode entrar na desordem do dia.

Um orador: Peço a palavra.

O *Presidente*: A palavra não se pede, a palavra é uma coisa que cada um deve trazer consigo. (Muitos apoiados). A palavra, isto é a voz, a fala que foi dada ao homem rei dos outros animaes, não desfazendo em quem está presente (*protestos*) não é coisa que se peça (*muitas palmas*) é uma coisa que cada um tem para seu uzo e portanto, como seu legitimo proprietario,

pode uzar dela quando lher der na gana. Entendeu? Ora fique-se lá com esta.

O orador: E' o ficas. Nesse caso vou falar, porque agora me lembro que trazia aqui umas palavras.

O *Presidente*: Pois fale que o seu falar tem graça, que é exactamente aquilo que se pretende.

O orador: Então lá vae.

Um *áparte*: Isso é estilo de guarda nocturno.

O orador: Como ha bocado ouvi bater as palmas...

E etc...

Tambem ficou assente a reprodução das peripecias dos concursos para admissão de socios. Todos os podem requerer, não com formulas especiaes e em papel selado, mas com espirito. Deferida a pretensão, o candidato será submetido a um exame, não de provas publicas, mas de boas piadas particulares, perante um juri de associados e poderá apresentar qualquer tese, com tanto que seja uma tese teza, sob o ponto de vista do bom humor. E não será exigida qualquer documentação, ou quaesquer emolumentos por se tratar de um concurso de graça...

A Associação dos Humoristas, apenas se constituir, começará por dar um sarau, que se realisarà ainda antes do Carnaval e se repetirá anualmente com o concurso de alguns dos nossos melhores actores comicos. Nessa ocasião será experimentado um novo genero de peças: as peças por medida, peças feitas de proposito para os seus interpretes e cujos papeis, por isso mesmo, lhes devem assentar que nem uma luva. Para a ideia exposta pelo dr. Augusto Cunha e perfilhada pelo *Sempre Fixe* pedimos o concurso de todos os humoristas portuguezes, afim de que a exposta não tenha de ir outra vez bater á Santa Casa. Eia, pois. Mãos á obra e bocas á piada, porque a Associação dos Humoristas é exactamente o contrario do peixe que morre pela boca. A Associação dos Humoristas vive pela boca e pelo lapis dos humoristas.

ROSA MATEUS



Não é uma rosa de cera mas de corpo... carnal... e que apresentou na aplaudida revista «Zé Povinho», em scena no Varietades, vale bem a simpatia com que o publico tem distinguido a interessante «bolte» do Parque Mayer.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

OUVIMOS chamar ao J. L. o em-
prezario-bailarino. Porque seria?
Explicam-nos:

— Então você não sabe? A com-
panhia do T. Ap. vai para o T. Av.;
a do T. A. v. vai para o Porto e a
que está no Porto vem para o T.
Ap.... Que confusão!

O nosso amigo tem razão. O pu-
blico acaba por ver os artistas a
dançar de teatro para teatro e não
se fixa neles. Perde, portanto, o
artista e perde o em-
prezario, por-
que o publico fica desorientado...

A determinada actriz que, em
determinada revista, aparece fre-
quentemente com as pernas ao
léu e que, graças a Deus, as tem
gordas e anafadas, do joelho para
cima, chamam-lhe, em determina-
do palco: a actriz das pernas à
Chantilly.

O nosso bom E. B. anda de-
veras intrigado pelo facto de vir para o
T. G. o actor espanhol Ricardo
Calvo, que parece não o ser. E diz
aos amigos:

— Eu, que o sou, porque razão
me chamo Braga? E ele, que o
não é... é que tem esse nome! Vou
fazer uma troca. O homem vai
daqui chamando-se Ricardo Braga
e eu quero passar á posteridade
chamando-me Erico, o Calvo.

O ano teatral de 1929 deu azo
ao D. de N. para fazer um artigo es-
ta-tístico curioso. Nas linhas a abrir

as tabelas traz este periodo que é
muito engraçado:

«Durante o ano de 1929 realiza-
ram-se, em Portugal e ilhas, espe-
taculos em 3828 noites.»

Que enorme ano teatral foi o de
1929! 3828 noites!

APESAR do grande amor que a
A. e a A. A. teem ao T. Ap., o J. L.
resolveu trazer a Rua Nova da
Palma para a Avenida da Liber-
dade.

A maré de sorte foi «tanta» que
chegou a ter sorte negra...

O E. A. vai entrar no Porto como
o pão de ló... Macio... como se fós-
se o de Margaride...

A Aranha começa hoje — dizem
os reclames de sabado — a fazer a
sua teia.

E' uma teia em que estão envol-
vidos varios actores e actrizes. Até
envolve um senhor de oculos, cal-
vo sem ser de nome e que tem já
um passado de faquir...

A Spy...der o que der — isso é
com o em-
prezario — será, temos a
certeza, um espectáculo interes-
sante e cheio de ineditismo para
nós. Ou nos enganamos, ou a noite
da estreia ha de ficar memora-
vel... Só pelo tempo que temos es-
perado por ela a torna, se não
sensacional, pelo menos deseja-
da...

OS originaes portugueses apa-
receram com o ano novo. Depois
do de R. C., anunciam-se varios.
No T. N. está outro em ensaios e
dentro de dias representa-se o de
A. A. e B. de G. C.

Diz-se tambem que a actriz A.
O. tem um lá em casa, em três
actos, que já leu — dizem os jor-
nais — a um «grupo de pessoas
intimas e entendidas». A noticia
acrescenta que a peça «tem todos
os requisitos de agrado, estudo
psicologico que denota na autora
raras faculdades de observação».

Mãos femininas, esta epoca, de-
votaram-se ao teatro. Esperemos
pelas premieres, que é como quem
diz pelos refojados.

NO T. Ap., as peças são em fo-
lhetim, como dizia o outro. Tanto
assim que a Maré de Sorte termi-
na o seu terceiro acto com estas
palavras: «Meu grande amor». No
domingo, um espectador, ao ou-
vir esta frase disse:

— Isto já é reclame para ama-
nhã...

Efectivamente na segunda-fei-
ra reprisou-se — como agora se
diz — «O grande amor», de Nico-
demi, que é, como toda a gente sa-
be, a Vera Vergani, segundo nos
declarou o M. D.

O correio traz-nos, de vez em
quando, coisas curiosas. Hoje che-
ga-nos uma longa carta aplaudin-
do a nossa pagina e contando o
seguinte, como sendo veridico:

«Numa peça francesa que se re-
presentou entre nós ha meses,
apareceu a frase: «Des oeufs durs»
traduzida por «ovos duros».

A carta termina dizendo: «Duro
deve ter o tradutor o cerebro, que
por mais fervido que ele fósse,
nunca chegaria a ser cosido».

JA' uma vez aqui dissemos que
ha artistas, sem probidade e sem
inteligencia, que, julgando-se en-
graçados, metem coisas de casa
deles nas peças. Citámos até um
facto. Hoje temos a acrescentar
outro. E' o nosso colega O Seculo
que o conta. Ei-lo:

«Recentemente, muito recente-
mente mesmo, ha dias, tivemos oca-
sião de constatar outro mal-enten-
dido. Este diz respeito ao criterio
artístico dum actor, que além das
suas responsabilidades profissionais
de artista, arca com as de orienta-
dor, gerente ou simples interessado
da empresa dum dos nossos theatros
declamados. Trata-se duma comedia
ultimamente estreada e com as-
sinalado exito, e cujo segundo acto
se passa em Paris. O mesmo Paris
do original é o da tradução. Não ha
duvida. Pois esse actor, animado do
desejo de fazer rir, na preocupação
de valorizar o seu trabalho de co-
mico, largou á queima-roupa este
verdadeiro disparate: Comi um ba-
calhausinho a portuguesa, regado
com um vinhinho Galão. E o dis-
parate teve continuação, nós é que
a esquecemos. Foi com reclame o
tudo.»

Onde estão os directores artísti-
cos das companhias de declama-
ção? Quando uma companhia se
fôrma, nunca se pensa nele e ele
é indispensavel, quanto mais não
seja para haver alguém que tome
a responsabilidade.

O Homem das 5 horas



Se a antiga «Feira da Láz» Forreira trouxe com João Nunes e João Gonçalves, em uma «Feira da Láz» com mais 50 % de
graça que muitas revistas — Hortense, Uma d'Alvoeira, Francis, Nascimento Fernandes, Alberto Guerra e todos os artistas do Triunfo
de, fizeram da «Feira» um espectáculo de tão bom gosto... que até dá gosto ir á Feira.



— Oh! Maria... Até parece impossível... Porque não abria v. a porta? Já cinco vezes que toco a campainha...

— Desculpe, minha senhora, mas eu julgava que era o telefone.

Elevador da Gloria

Novos ricos:

— Sua filha, minha senhora, mostra em tudo quanto faz um excelente *savoir faire*.

— Não admira! Mandámo-lo vir expressamente de França para ela...

* * *

A scena passou-se no Campo Grande. A rapariga, que era bonita, andava a pessar, no lago, de bote. Debruçou-se e caiu. O namorado, logo que a viu aparecer à superfície da agua, gritou-lhe:

— Dê-me a sua mão!

— Peca-a ao papa — respondeu ela — mergulhando segunda vez.

* * *

Num café:

— Sabe que eu tenho a coragem das minhas opiniões!

— E eu tenho uma triste opinião da sua coragem!...

* * *

Ele: — Não era capaz de casar por dinheiro, pois não?

Ela: — Não sei!... Quanto tem o senhor?...

* * *

O Mota: — O tempo aperfeiçoou tudo, menos as mulheres.

O Sousa: — O que te leva a pensar assim?

O Mota: — Minha mulher! Diz que elas foram sempre perfeitas desde a criação do mundo!...

* * *

Mulher e marido:

— Não negues que beijaste a cozinheira!

— É verdade que lhe dei um beijo. Mas não foi à mulher, foi ao talento culinário!...

* * *

Em flagrante delito:

A patrão: — A roubar-me os lençóis, sua ladra!

A criada: — É natural! Nós, as criadas, não nos permitimos o luxo de ser cleptomanas!...

* * *

Na pensão:

O médico: — Quando notou que este hospede estava doente?

A patrão: — Ontem, quando me chamou para pagar a conta...

* * *

Entre amigas, na plateia dum teatro:

— É intolerável como esse homem aqui te olha!

— Qual?

— O que está aqui atrás...

UM PAPAGAIO FILOSOFO

D. Estanislata Faceira de Andrade, oriunda de A-dos-Vedros, onde crescera entre os seus parentes (de nobre família dos Faceiras da Golegã) desde que enviudara por morte natural de seu esposo, Paulo José de Andrade, vivia, calma e lenta, uma existencia de imutável resignação.

Iguais em suas vinte e quatro horas decorrentes, passavam os dias uniformes para a D. Estanislata, que os ocupava entre os ralhos carinhos à Rosa, sua velha criada, e as carinhosas tagarelices com o seu Jacob, um formoso papagaio de S. Tomé, que falava tão bem como o seu proprio defunto.

Aquella existencia serena foi, porém, sacudida violentamente, um dia, pelo vento sinistro da tragedia.

Quem o causador de tão injusto acontecimento? Que força infernal esse vento assoprou com sugidora veemencia?...

Pois nem mais nem menos do que as bochechas do sr. Carvalho da Silva, abalizado presidente da Associação dos Proprietários Portugueses.

E como?

Escrevendo um dos seus inflamados artigos na sua gazeta e nele aconselhando os seus congeneres senhorios a aumençar as rendas, o que ele chamava pitorescamente *actualizar os seus rendimentos*.

E vai então, Jeronimo da Silva Rodrigues, proprietario do imovel habitado no 3.º andar pela D. Estanislata, resolveu duplicar a renda que a virtuosa senhora pagava desde que ha bons vinte anos fora, viuva desolada, morar naquele mau recanto da rua da Precisão.

Os rendimentos da D. Estanislata não eram de molde a prestar-se ás excéntricas elasticidades daqueles pedaços de cautechou assucarado tão em uso entre os papossecos depois da exhibição da *Grande Parada*.

Por isso, lacrimosa e energica, a

viuva de Paulo José resolveu mudar de casa. E se bem o resolveu, melhor o fez. Exactamente no dia 30 do passado mês de Setembro mudou-se para um agua-furtada da rua da Agua-das-Flôres, onde, por cento e dez escudos, esperava retomar a calma da sua existencia, tão incongruentemente interrompida pela cupida ganancia daquele *grande primo do Carvalho da Silva* — como ela, com justa indignação, o alcunhava.

Já a carroça estava armada em piramide do Egipto, quando a Rosa pegou na gaiola para conduzir ella propria o amado bicho falador.

Mas Jacob desatou a berrar como um pocesso:

— Larga da mão! Larga da mão que eu não quero ir!

A velha, desesperada e fula com o berreiro, não esteve para mais aquelas e entregou a gaiola ao carroceiro.

Este, sem grandes cerimoniaes, apenas a Rosa voltou costas, atirou com a gaiola para o alto da carroça, onde ella ficou entalada entre as três pernas duma mesa de sala.

As duas por três, a gaiola, num sacão da carroça, caiu ao chão. Jacob recomeçou a berrar. O carroceiro atirou com a gaiola para riba dos moveis e continuou no seu caminho.

Mas pouco andara a mula, que logo de novo a gaiola se despeñhou, amolgando-se com fragor.

— Raios partam o bicho! — exclamou o carroceiro. E ia novamente a atirar a gaiola para os altos dos trastes, quando ouviu Jacob, que gritava:

— Ora óça, sr. Pires...

— Sousa: Sousa — é que eu me chamo — respondeu, formalizado, o carroceiro. — Diga lá o que quere.

E o Jacob, em voz branda, como num segredo:

— Talvez fôsse melhor eu ir a pé...

Cirano de Velhefiac,



— E' aqui que vou fazer o «Salon» dos futuristas.

— Mas ouve lá: a sala tem escada de salvação?...

Dos tribunais

A Pepe Coto, gracioso advogado andaluz, foi-lhe recomendado pela noiva certo cliente que no tribunal tinha um pleito.

Ganhou Coto o pleito, mas fez-se pagar tão largamente que a noiva lhe censurou o exagero.

— Parece impossível, Pepe!... Nem sequer tiveste em conta que era um recomendado meu!...

— Sabes para que lhe levei tanto dinheiro? — retorquiu Pepe. — Para tu te convenceses do dinheiro que posso ganhar e do bom partido que sou.

* * *

O celebre advogado russo Lokhvitzi ganhou um processo difficil dum seu cliente, e este, ao agradecer-lhe, disse:

— O caso, meu querido advogado, é que não sei, verdadeiramente, como manifestar-lhe o meu agradecimento.

— Saiba, meu amigo — respondeu Lokhvitzi — que depois dos fenicios terem inventado a moeda não ha dificuldade em manifestar agradecimentos...

* * *

Felix Limendoux zangou-se com a dona duma pensão onde devia dinheiro e, no decorrer da polemica, permitiu-se chamar-lhe «camêlo». A «camêla», indignada, queixou-se á policia e o caso acabou nos tribunais.

— Chamar «camêlo» a uma senhora é crime? — perguntou Felix ao juiz.

— E' sim, senhor.

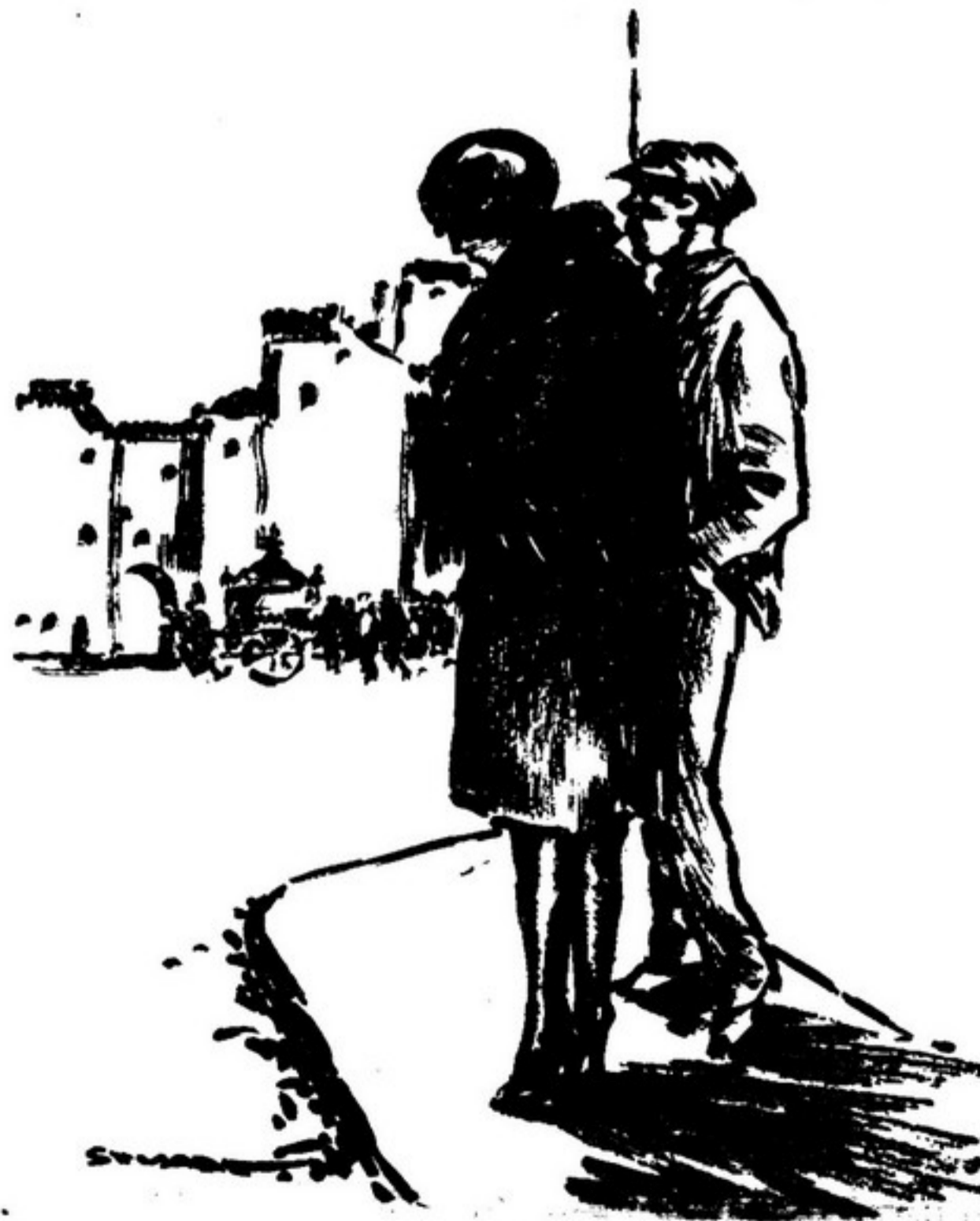
— E a um camêlo chamar «senhora»?

— Isso, claro que não! Nem crime, nem delicto.

— Muito obrigado — agradeceu Felix.

E, dirigindo-se á queixosa, despediu-se:

— Então, adeus... minha senhora.



— Lá vai a Rosa a enterrar!
— Collada! Já não vé o Carnaval de que gostava tanto, tanto que até na quarta-feira de Cinzas apanhava sempre uma tarefa do Artur.

Correio Braziliense
só o PINA se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77



— O medico aconselhou-me a não fumar enquanto trabalhasse.
— Deixaste, é claro, de fumar?
— Não... Deixei de trabalhar...

Da contradição

Ha dias, bem cedo por sinal, fui acordado pelo badalar forte da campainha da minha porta. O' senhores, que susto! Lembrei-me de tudo, começando, claro, pelo pior. Desde a conta do alfaiate até ás «bróas» da porteira. Porque o predio em que eu moro tem porteira, uma boa mulhersinha de cabelo na ventila... e bigode á americana. Ha muitas porteirosas iguais a esta e tambem ha muitos predios iguais a este. O que o meu tem a mais do que os outros é uma chapinha de esmalte, toda Freire Gravador, que diz: — Propriedade de J. A.-S. M. J., que é como quem diz: — Propriedade de Joaquim Antonio — Serração de madeiras — Junqueira.

Bom, mas vamos á historia, que desta vez se não repete, ainda que a Historia se repita sempre.

Qual não foi, pois, o meu espanto quando me apareceu a mal rubicunda sopeira que a minha bem pobre imaginação tem criado — de V. Ex.ª!

— Que deseja a minha flôr, salvo seja — interroguei sollicito, absoluta e independentemente afavel, exactamente como o meu quarto... que é afavel, quando é crescente... mas independente!

— Ai, meu caro senhor, sou muito desgraçada, e venho lavada e engomada em lagrimas ter consigo, para que, caso possa, minore as minhas penas...

— Mas, ó minha rica menina, olhe que eu estou lese... sem vin-tem. No entanto, diga lá... se eu puder.

— Não é nada disso, sr. Tinto, é que eu desde pequenina que sou Maria, e o meu nome todo ainda não veio no concurso das ditas.

Eu então lembrei-me logo que ela estaria zangada com algum pa-deiro da Allança e inquiri:

— E como se chama a menina?
— Eu, pois não sabe? Sou a Maria da Contradição!

Prezino os amigos que a minha porta já não tem campainha!

DOIS CONTOS MEXICANOS

Um espanhol que muito novo emigrara para o Mexico, tivera como companheiro do primeiro emprego um joven mexicano, Paco Jaquez. O espanhol amealhou umas economias, estabeleceu-se, enriqueceu — e esteve vinte anos sem ver o seu amigo da juventude.

Ultimamente, encontrando-se, por acaso, em El Paso, viu a sua casa assaltada pelas tropas revolucionarias-catholicas. Julgou-se perdido e perdido estava se o chefe do bando não tivesse gritado:

— Ninguem toca nesta familia! Esta familia é sagrada para nós!

O espanhol reconheceu, tremulo de gratidão e... de medo Paco Jaquez. Abraçou-o, convidou-o a almoçar e, durante o café, o antigo caixeiro contou ao seu velho amigo o que tinha sido a sua vida naqueles vinte anos em que não se viram.

— Comecei a minha carreira como revolucionario de Vilas. Vilas venceu, subiu ao governo e eu alistei-me nas hostes do general Guerrero. O general Guerrero venceu a revolução e eu alistei-me nas hostes do general Dominguez Sanchez. Derrotámos Guerrero; puzemos no poder o Dominguez e eu aderi ás tropas revolucionarias do general Hernandez. Hernandez derrubou Dominguez, subiu ao governo — e eu passei-me para os bandos revolucionarios de Carranza. Carranza venceu, deitou abaixo Hernandez, e eu fui com armas e bagagens para a revolução do Castro. Castro venceu, derrubou Carranza — e eu passei-me para as hostes de Calles. Calles venceu, tirou o governo a Castro — e comecei a combater o governo com os revolucionarios catholicos.

— Mas isso chama-se queimar inutilmente uma vida!

— Estás leuco? — protestou o mexicano. — Não ha carreira com mais futuro do que esta. Leva tempo — mas quando se consegue a chefia duma revolta, basta uns meses de governo para ficarmos ri-

cos para sempre. Com o que tenho ganho com as revoluções comprei umas metralhadoras e, como a proxima revolução é minha, venceréi os catholicos, subo ao governo, serei derrubado por aquele que está ali — o general Machado — mas irei para o desterro milionario.

— ?!
— Sim, senhor! Está na lista! A proxima vez é para mim e a seguinte é para Machado!

Deu-se a coincidência de Jacinto Benavente se encontrar no Mexico na ocasião em que uma companhia de teatro nacional representava pela primeira vez a sua celebre obra *Malquerida*.

No intervalo do 1.º para o 2.º acto, aparece um coronel no palco a pedir para ser apresentado a Benavente.

— E' o senhor o autor da obra? Muitos parabens. Eu sou ajudante do sr. presidente. O sr. presidente gostou muito e quer conhecê-lo para o felicitar.

Benavente acedeu ao pedido, deixou-se conduzir ao camarote presidencial, onde sua ex.ª o general presidente o aureolou de adjectivos pirotecnicos.

No intervalo do 3.º para o 4.º acto — um outro coronel aparece no palco e aborda Benavente:

— E' o senhor o autor da obra? Muitos parabens. Eu sou ajudante do sr. presidente. O sr. presidente gostou muito da peça e deseja felicita-lo...

Benavente, surpreendido, respondeu:

— Mas eu já tive a honra de ser apresentado ao sr. presidente e de lhe escutar as suas felicitações...

— Ah! Perdão! Esse presidente era outro...

— ?!
— Sim, senhor! Do 2.º para o 3.º acto houve uma revolução — e mudámos de presidente da Republica...



— A' minha mulher é preciso falar um pouco mais alto porque ella é surda.

— Sim?! E' surda?! Pois olhe que á primeira vista não parece.
(Do «Gutierrez».)

Graça dos outros

Um actor, lamentando-se por ter casado:

— Sim, meu filho, o matrimonio é um fardo pesadissimo. Se não tivesse conhecido tua mãe, viveriamos agora sós, tu e eu, muito amigos e satisfeitos...

No Paraizo:

— Ha uma coisa, Adão, pela qual te sou agradecida — disse Eva.

— Admira-me muito que tenhas alguma coisa a agradecer-me. O que vem a ser?

— Nunca me disseste que tua mãe cosinhava melhor do que eu...

Bonifacio: — Tenho quatro empregadas no escritorio, e já reparei que, sempre que eu entro, elas sorriem...

Casimiro: — O que a mim me admira é que elas apenas sorriam, em vez desatarem á gargalhada...

Dialogo americano:

— Vi-o beijar minha filha! Exijo-lhe uma indemnização se torna a incorrer na pratica desse acto!

— Não vale a pena, meu querido e futuro sogro! O senhor desconhece o que é bom!...

Eduardo: — Ele faz declarações de amor a todas as raparigas que apanha a geito!

Alberto: — Habito?

Eduardo: — Não; sistema!

Passageiro nervoso dentro dum automovel alucinado:

— Dava 50 contos de réis para me ver fora deste carro!

O «chauffeur»: — Não seja tão prodigo com o seu dinheiro. Não tarda um momento que não se veja fora dele sem dar coisa nenhuma...

— Repara na viscondessa. Qual é a tua opinião a seu respeito?

— Que é uma mulher de sessenta anos que parece ter cinquenta, julga que tem quarenta, veste-se como tivesse trinta e procede como se tivesse vinte...

Ela: — O livro que o senhor me recomendou é bastante enobrecido!

Ela: — Oh, minha senhora, não diga que eu lho recommendei...

Ela: — Então não me disse que o não lêsse?



— Não choras mulher! Minha pretensão tenho eu para ti...
— Já sei...
— E' isto! Tu é que choras e a mim é que me ficam as mãos a doer...

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115



O acontecimento da ultima semana foi a apresentação particular para os individuos que dão pela alcunha de criticos cinematograficos de pallcula vanguardo-literato-abstrato-subjectivo-psicologico-avinhada *A queda da Casa Usher*, feita por um evadido de Charenton chamado Jean Epstein.

Aquilo, visto a sério, é mesmo muito bom; mas como nós estamos aqui para a reinação e as coisas sérias só entram no *Fixe* quando morre alguma figura de destaque, vamos apreciar o filme a nosso modo. E para que se não julgue que esse particularissimo modo é menos desautorizado, saibase que ele não é mais do que a repercussão dos doutos ensinamentos recolhidos num prospecto em que sete jornalistas botaram fala — tipograficamente falando, já se vê — dizendo de sua injustiça:

«*A queda da Casa Usher* é uma produção animica que não é realista. Será por isso mal compreendida pelo publico. Versão fiel de dois contos de Edgar Poe — um instrutivo, outro impressionante — atinge soberbas sugestões, admiráveis expressões rítmicas. O Grand Guignol no cinema precisa de genio. Deve louvar-se a ousadia de Raul Lopes Freire, apresentando-a em Portugal. Se Edgar Allan Poe tivesse visto as imagens de Jean Epstein, nesta chuvosa tarde de inverno, teria escrito pelo menos: Destaco a *travelling* da tempestade das folhas. Pouco me importa o que possam julgar, no seu requintado senso critico, José Parreira e Alfredo Meca. O que sei é que, sob a sugestão magnetica dos contos de Edgar Poe, Jean Epstein morreu de *delirium tremens*... Perceberam?

* * *

O São Luis bisou a *Ana Karenine*. Querem matar o John Gilbert e a Greta Garbo, esfalfando-os.

O Tivoli — que afinal de contas engaiolou os *Prisioneiros do Mar* — depois de ter pecado com o *Presianista*, toca *A Marcha Nupcial*. O Erich von Stroheim e a Fay Wray, que não é nada Fay, casam-se todos os dias e a casa só faz casões. Mas o divorcio é já na segunda-feira. A *corbeille* ostentava riquissimos presentes, entre eles um tacho de prata, oferecido por um patador profissional e contriteio.

O Royal parece disposto a deixar as estrias e iniciou uma serie de bailes na Graça engraçadissimos. A *Rosa Marie* fez um grande successo, mas a Rosa Maria Monteiro do Mar ainda deve fazer mais.

O Odeon continua muito parisiense. Depois do *Moulin Rouge* e de *Paris à meia noite*, exhibiu *Anny de Montparnasse*. So falta o *Bairro Latino*, o *Ménilmontant*, *Paris, Paris em cinco dias*, *A destruição de Paris*, *Os Misterios de Paris*, *Paris-Cinema*, *Harmónias de Paris*, *O fantasma da Torre Eiffel*, *O fantasma do Moulin Rouge*, *Paname não é Paris!* e *A vida privada de Helena de Troia*. Porque não sei se sabem que quem pregou aquela partida ao Menelau foi o Paris...

RETARDADOR.

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

Quem torto nasce...

Bastas vezes os enfermeiros se queixavam: lá no hospital, os doentes eram duma má-creação que tocava o extremo. Não tinham respeito por ninguém; usavam de palavras fóra de todos os manuais da boa educação.

Para a mais pequena coisa, tinham uma palavra de calão que as definia e, muita vez, em atitudes de todo isentas dos mais elementares principios de civilidade, insultavam com palavras e actos os empregados das enfermarias.

Varias tentativas foram feitas para que os doentes modificassem as suas atitudes e fraseologia, mas eles, com uma irreverencia extraordinaria e, por vezes, irritante — desprezavam em absoluto os conselhos que medicos e enfermeiros lhes iam dando, cheinhos de paciencia.

Assim, nunca um doente que tinha uma qualquer necessidade a anunciava com decencia. O verbo «evacuar», por exemplo, não existia para eles. Empregavam, quando disso tinham necessidade, um outro muito usado tambem, mas que não deixa de ser porco e ordinario.

E como esta, muitas coisas semelhantes sucediam lá no hospital, com enorme e justificado desespero dos medicos e do director, que por todas as fórmulas pretendia educar a gente confiada aos seus cuidados clinicos.

Ora, porque os fundos lá no hospital não abundassem, uma comissão de senhoras anunciou uma visita ás enfermarias para vêr o estado de necessidade em que se encontravam, para depois entre si se cotizarem e melhorar as condições de vida do hospital.

O director chamou os colegas medicos e estes os enfermeiros, para passarem pelas enfermarias e prevenirem os doentes da visita das senhoras. Era necessario muito cuidado com a linguagem ex-

cessivamente malcriada que usavam porque, tratando-se de senhoras de facto, não se admitia, de forma alguma, as má-creações a que os doentes estavam habituados.

Foi então um empregado á enfermaria prevenir os doentes: «Amanhã ha uma visita de senhoras cá no hospital. Nada de má-creações costumadas. Sejam educados. Sejam finos...»

— Sim, senhor — diz um doente — mas suponha que eu quero... ir fazer... Como é que hei de dizer?

— Olha: para essa necessidade tu dizes assim: — «Oh sr. enfermeiro! Eu quero o trinta e um»...

— E se eu quizer fazer outra coisa?

— Dizes assim: — «Eu quero o trinta»...

E, feita esta recomendação de cama em cama, o enfermeiro saiu satisfeitissimo.

No dia seguinte, a comissão de senhoras appareceu no hospital. O pessoal acompanhou-a na visita com toda a cortezia.

A certa altura, uma das senhoras notou que um dos doentes de certa enfermaria, embora de cama, se ria perdidamente, doidamente.

— E' doido aquele? — interrogou.

— Não, minha senhora — diz o medico. — Oh! sr. enfermeiro, vá lá vêr o que tem aquele diabo.

O enfermeiro aproximou-se da cama do doente, que não parava de gargalhar.

— O que é que tu tens? De que te ris?...

O doente, sem parar nas gargalhadas, apontou então para a cama do lado, onde um homensinho todo se contorcia com dores.

— Mas o que é que tens? — voltou o enfermeiro.

— E' que aquela que... ir... fazer... e não sabe o numero!...

Pedro de Nelas.

BAYER

Nas molestias provenientes da gonorreia e nas afecções intestinaes empregue confidamente

Comprimidos de **Helmitol**.

Pensamentos selvagens

Nada mais prejudicial a quem bebe que a presença daqueles que não querem pagar nada.

Mais vale dois policias a voar que um agarrado a nós.

O dinheiro, na mór parte das vezes, parece goma arabica: faz com que os amigos se peguem á gente,

Fui sempre assim: ao Vale actor preferi sempre o vale telegrafico ou o vale ao Alfredo Pinto.

A melhor partida que se pode pregar a uma sogra é mostrar saude para viver cem anos.

Mais vale um quilo de lombo passado pelas brazas do que um quilo de brazas passadas pelo lombo.

Ha musicas nas nossas revistas que, ao ouvi-las, sinto ganas de tirar o chapéu. E' que eu respeito muito as pessoas: conhecidas.

As bebidas brancas fazem mal á gente. E' por isso que certos não bebem nem leite, nem agua, nem aguardente.

Afirma-se muitas vezes que «mais vale um gosto que quatro vintens».

Acredito — mas com a libra ao par.

P.

O tempo e os telefones

Entre muitos brindes varios Que os telefones oferecem, Avultam os calendarios Que nos são bem necessarios E que muito se agradecem.

Mas, no brinde original, Vai uma tal barafunda Que apontam com um sinal Em Fevereiro o Carnaval, Domingo gordo em segunda!

Vejo por lá tanto engano, Tão grandes incorrecções, Que erram os dias do ano Com o descuido leviano Com que erram as ligações.

E, com grande pena minha, Mas razão justificada, P'los muitos erros que tinha, Eu dei-te fóra a folhinha Que me não serve p'ra nada.

Se já me tem sucedido, Quando as ligações requeiro, Que tempo tenho perdido, Nunca tinha acontecido Deitar fora um ano inteiro!

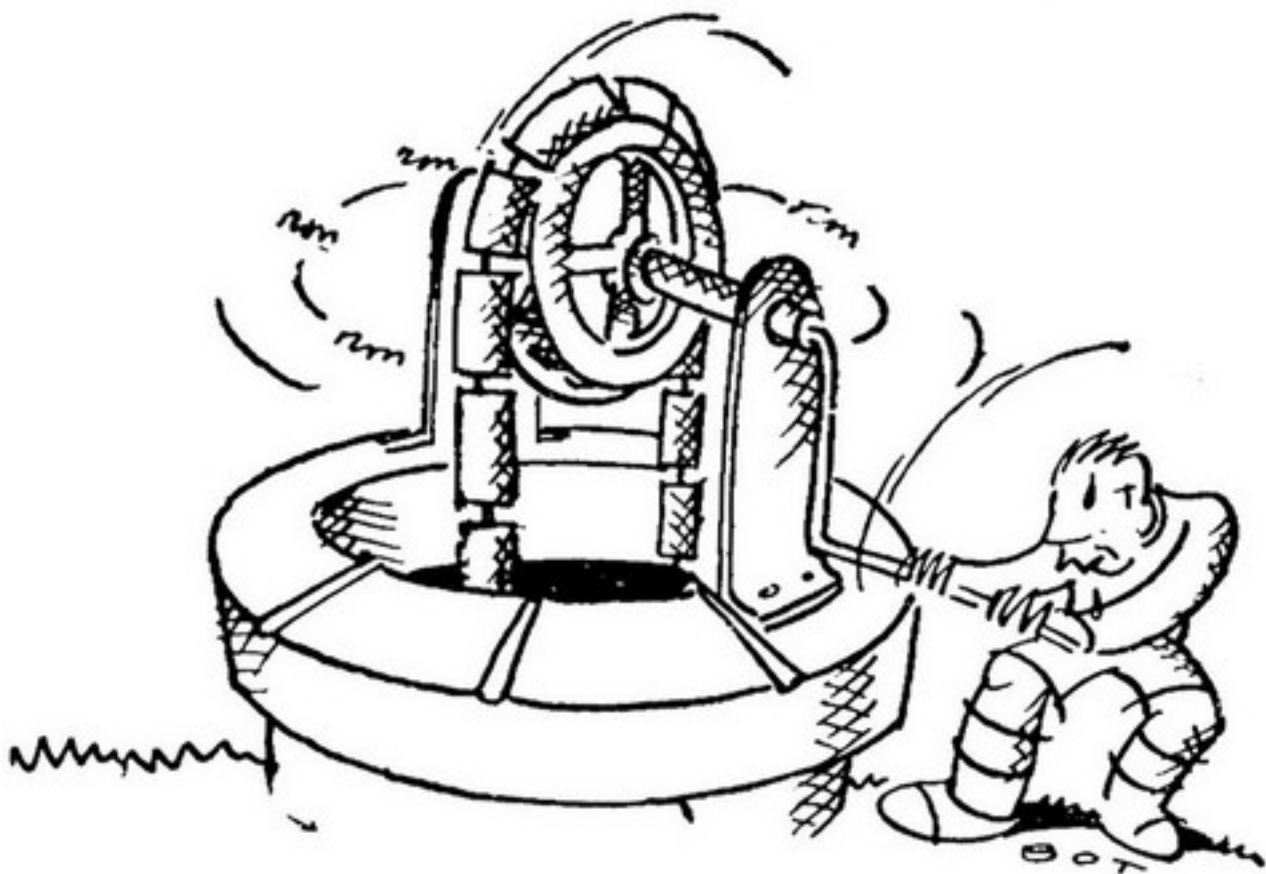
As meninas, a meu vêr, Mandam que os outros esperem. E, chegado o tempo, Continuam a fazer Do nosso tempo o que querem!...

João Fernandes.

DESSPORTOS

O RIBEIRO TRANSBORDOU

Vamos nós á 2.^a volta ó pstó-tira ó pstó...tira



E neste ron... ron, cá vamos, Bemfica abaixo, Sporting acima, Sporting abaixo, Bemfica acima... etc., etc....

Todos os acontecimentos desportivos da semana são zero ao pé do formidável artigo de Ribeiro dos Reis, publicado em *Os Sports* de ante-ontem.

Logo ao principio, escreve o autor:

«O exercicio dos diferentes cargos que temos occupado forneceram-nos elementos de sobra para não nos enganarmos sobre o valor, sobre as pretensões, sobre as habilitações e, sobretudo, sobre os «processos» de determinadas figuras do nosso foot-ball.

Esse exacto conhecimento do meio e dos homens permite-nos sorrir dos pruridos de amadorismo de alguns dirigentes dos clubs....»

Referindo-se aos que invejam os triunfos oratorios de Salazar Carreira, diz Ribeiro dos Reis:

«Alguns deles, se os convidaram a fazer essas viajatas, com as responsabilidades inerentes, escusam-se imediatamente com horror das responsabilidades e das faltas de gramatica....»

E' a unica parte do artigo de que discordamos. E admira que, com a sua provada experiencia, o autor não saiba que esses cavalleiros não teem bitola para responsabilidades, nem sabem da existencia da gramatica. Por conseguinte, nunca se escusam. Ou melhor: nunca se escusaram...

Mais um bocadinho de oiro do artigo de Ribeiro:

«Então eu, escrevendo artigos remunerados, não posso ser dirigente porque ganho dinheiro com a pratica do foot-ball, e o sr. Virgilio da Fonseca pode ser director da Federação vendendo calções de foot-ball para a propria Federação?»

E remata como segue:

«E aos patrões do Sport de Lisboa devo lembrar que, se os jornalistas remunerados não pudessem ser dirigentes, muito menos o poderiam ser os empresarios dos jornais desportivos.

E lembro-lhes tambem que o mesmo artigo 47.º, com que pretendem fulminar-me, acrescenta que os clubs, para ficarem fillados, devem ser exclusivamente dirigidos por amadores e não podem ser fonte de rendimento para os seus directores. E eu nunca pude ser incluido na categoria dos directores que tenham feito negocios dentro do seu club, donde lhes venha ou donde lhes possa chegar a vir qualquer rendimento....»

«A bon entendeur...»

Vão oferecer um banquete de homenagem ao illustre desportista sr. dr. Virgilio Godinho.

O *Sempre Fixe* inscrever-se-ha para ver se consegue apurar pelos discursos quem é o sr. dr. Virgilio Godinho.

Começou á segunda volta da roleta do campeonato de foot-ball de Lisboa.

O Sporting corre com uma sorte na industria, apostando tão escandalosamente nos plenos e metendo carrinhos — que achamos preferível não mexer mais no assunto.

OS SILVAS DO FOOT-BALL

Sucesso como este nem os colossos diarios jamais o obtiveram. Os premios chovem, se o verbo chover se pode aplicar a esta avalanche de premios que á nossa roda caem constantemente do imenso firmamento em que a constelação maxima é a dos Silvas.

Brevemente apparecerão á venda as cadernetas para nelas serem coladas as figuras representativas dos Silvas maximos do foot-ball nacional.

«A Silva pica! A Rosa cheira!
Viradinho ao norte, meu amor leva a bandeira!»

Leva a bandeira da vitoria até aos confins do Oriente este desarrançado maximo do jornalismo português.

O que são as Marias, os Bichos, etc., etc., ao pé dum Silva?

Um mosquito ao pé duma toutinegra, uma toutinegra ao pé dum elefante, um elefante ao pé duma assembleia geral da Associação de Foot-ball. O Silva é a expressão maxima da razão de ser da existencia do foot-ball. Seguem os premios. Que querem mais? E mais verão e mais a mais!

REIS GONÇALVES oferece um submarino novo modelo, com barbata-nas belenenses.

DR. ABRANTES MENDES oferece uma defesa gratuita ao premiado que matar um juiz de campo.

AVILA DE MELO oferece um Inacio de Lóiola, de louças das Caldas.

SANTOS BARÃO oferece uma colecção de cartões de livre transito ao concorrente que lhe aplique nos pés o método Asuero.

ANIBAL JOSÉ oferece um manual de civilidade e do bom viajante, da sua autoria, com desenhos expressivos do distinto pintor Bananeira.

JOAQUIM ALMADA oferece um camarote para o Gimnasio a todos os concorrentes casapianos e desejosos de verem o seu presidente armado em sapateiro. Além disso, Almada oferece mais um par de sapatos a todos os espectadores munidos de senhas do concurso.

RETAMOSA DIAS oferece um frasquinho de estriquinina e um leão embalsamado com dentes de vibora ingenua.

ARTUR JOSÉ PEREIRA oferece-se para ensinar foot-ball aos criticos do mesmo

Quem é este?



Quem usa capa e batina
Anda, p'la certa, na escola,
E este Silva tem a sina
De ser gráudo na bola.

E' estudante de direito
Mas no arbitrar é torto

Apita, meu bem, apita,
Se o apitar te faz bem.
Ele usa a vermelha fita
Mas não defende ninguem.

E' um poeta ás avessas,
No seu nome, é bem de vér.
Em arbitrar pede messas.
E vamos lá a saber
Quem é o Silva em questão?
Não sabes? Eu tambem não.

Viva a gente de respeito!
Viva mais o senhor morto!

Zé Maria.

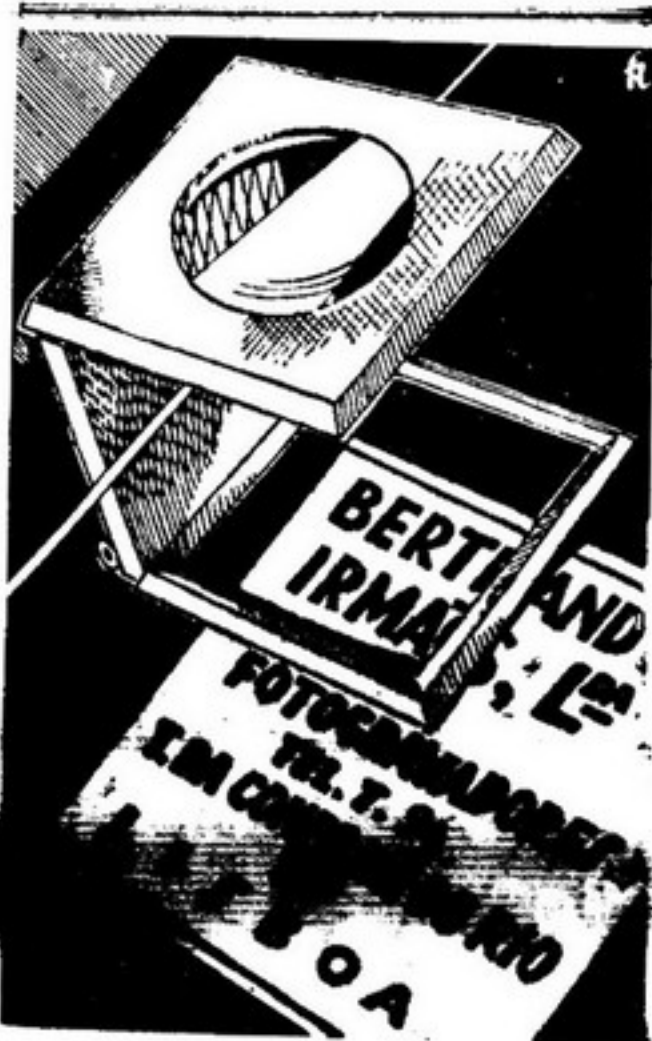
A PENINHA REABRIU!

COM A DIRECÇÃO DO SEU PROPRIETARIO

Deseja V. Ex.^{sa} almoçar, jantar ou ceiar bem com suas Ex.^{mas} Famílias e com socego? Vá a este tradicional Restaurant. — Variadissimo manu, comidas á portuguesa, ótimas salas para familias com pequenas mesas, unico Restaurant no genero em Lisboa. — Fornea almoços, jantares ou qualquer outra refeição ao domicilio, para o que tem pessoal devidamente habilitado. — Aberto toda a noite.

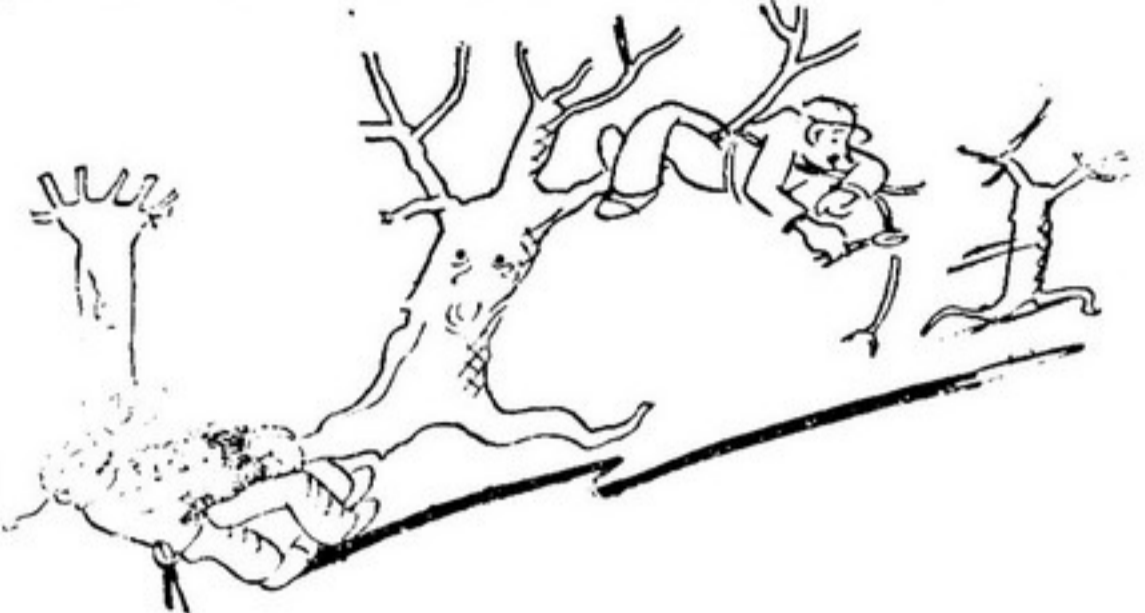
TELEPHONE N. 2322
R. Pascoal de Melo, 9-A

ao Almirante Reis



ECOS DA SEMANA

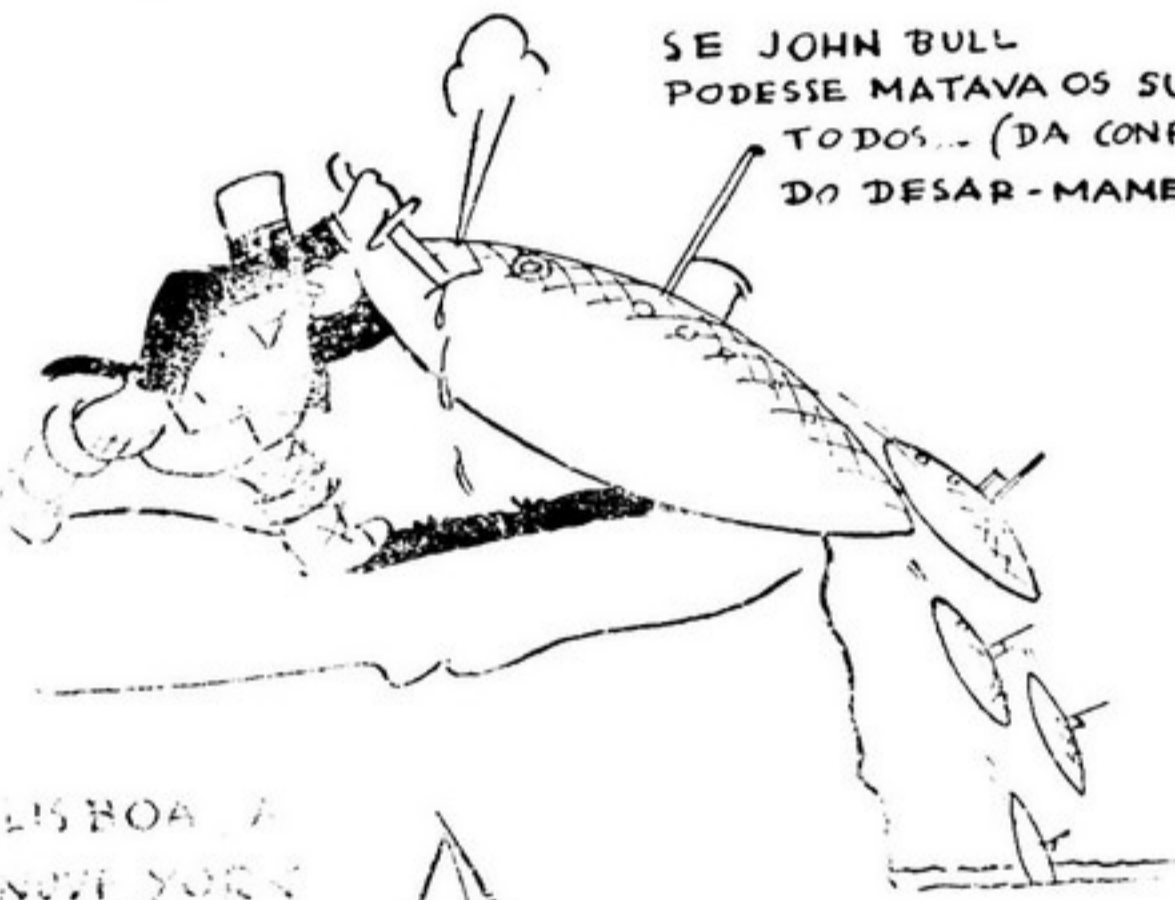
QUER QUEIRA QUER NÃO O "ALBORÊDO" JÁ ESTÁ TODO DE CABELO A "GARÇONNE"



A POLICIA TOMOU NOVA TACTICA- AGORA MULTA OS CLIENTES DAS BRUXAS E FA-LOS CONHECIDOS DE TODO O MUNDO. APOIADO!



SE JOHN BULL PODESSE MATAVA OS SUBMARINOS TODOS... (DA CONFERENCIA DO DESAR-MAMENTO)



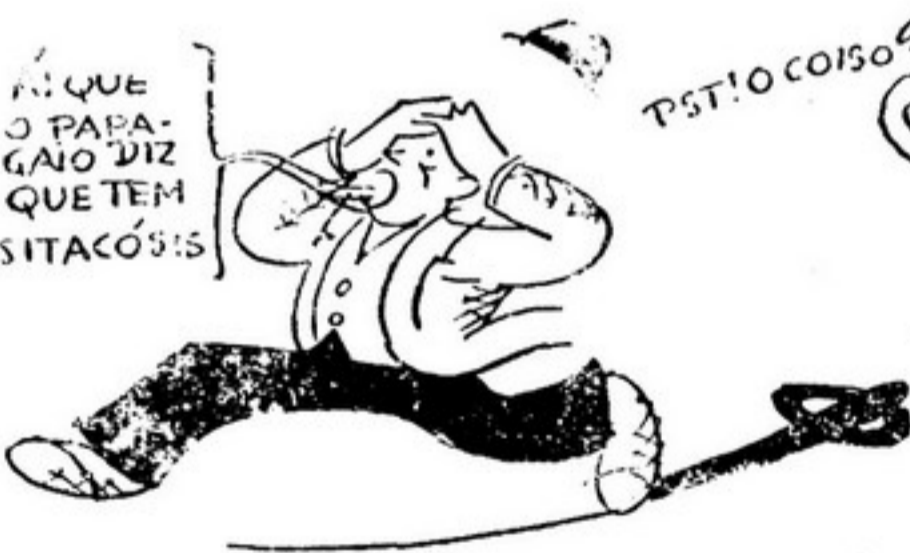
DESDE OS ALUNOS MAIS ANTI-DILUVIANOS ATÉ AOS MAIS RECENTES, TODOS IRÃO CONFRATERNIZAR, EM VOLTA DO DR. SÁ OLIVEIRA



LISBOA A NOVA YORK



QUE O PAPA-GAIO DIZ QUE TEM PSITACÓIS



PSITICOISO

SE QUEREM IR DIREI- TONTO DOS AÇORES AS BARRAGENS SIGAM ESTE CONSELHO AEREO -

ROMANZA SEM "PAROLAS" DUM INCENDIO DUMA ADEGA NA ERICEIRA

